

CAPÍTULO UM

UM ANO DEPOIS

Trisha estava sentada à sua mesa, lembrando-se de 215. Ele ainda a assombrava com seus incríveis olhos azuis, com a maneira como havia a prendido sob ele na cama de hospital e como quase a... seduzira. Sabia que nunca iria esquecê-lo, mas ele não se lembrava dela. Isso também a incomodava muito.

Ela tinha ouvido falar que as Novas Espécies, sobreviventes que foram resgatados do centro de testes de drogas, tinham se dado nomes no lugar dos números com os quais as Indústrias Mercile os havia marcado. Ele tinha escolhido o nome Slade.

Combinava com ele. Ele era um filho da puta enorme, de peito largo, cabelos longos e selvagens e exalava uma sensação de perigo. Toda vez que mostrava os dentes afiados e anormalmente longos quando sorria, parecia predatório. Era quase como se ele estivesse ameaçando alguém quando sorria. Ele também devia ser o homem mais sensual que ela já conhecera, e as lembranças daquela cama de hospital sempre a faziam tremer de excitação.

As Novas Espécies tinham recebido um retiro privado, chamado Homeland, para os sobreviventes do centro de testes. O mundo não

recebia bem sua existência, e eles precisavam viver em um ambiente de alta segurança para ficarem protegidos de grupos de ódio que os viam como uma abominação.

Fanáticos religiosos os chamavam de demoníacos, não naturais e diziam que eram uma afronta a Deus, pois haviam sido criados em tubos de ensaio por cientistas. Se não usavam uma desculpa religiosa para o ódio, chamavam as Novas Espécies de animais de duas pernas que não mereciam direitos humanos, sendo nada mais do que animais treinados que imitavam pessoas. Era ridículo. Trisha se irritava quando ouvia aqueles discursos inflamados e malucos proferidos por idiotas nos telejornais. As Novas Espécies eram vítimas, não uma praga sobre a humanidade, e definitivamente não eram a semente do mal de Satanás. Também não eram animais de estimação capazes de articular palavras.

Dois meses antes, ela havia ouvido que em breve iriam abrir um centro médico privado em Homeland e imediatamente enviou seu currículo, na esperança de garantir uma das vagas para médicos que planejavam contratar. Nunca se esqueceria de como ficou surpresa quando, dois dias antes, recebeu a ligação. De todos os candidatos, ela tinha sido a escolhida.

Todos na comunidade médica estavam fascinados pelas Novas Espécies. O número total de sobreviventes era desconhecido, mas as Indústrias Mercile, empresa líder em pesquisa de drogas, os usavam como cobaias de testes. Eles haviam introduzido DNA animal nos genes. Corria o boato de que eles os haviam criado para combater doenças de animais que passaram para seres humanos e também para criar vacinas e medicamentos para combater doenças que atingiam as pessoas, mas às quais os animais eram naturalmente imunes. Depois dizia-se que a empresa havia se ramificado para as drogas anabolizantes para deixar os seres humanos mais fortes, mais musculosos e em melhor forma apenas tomando as pílulas que eles criaram.

Ela ficava chocada por outros médicos e cientistas terem vendido suas almas apenas por um salário, mas obviamente muitos tinham feito coisas inimagináveis aos homens e às mulheres que haviam sido forçados a serem cobaias. O simples fato de que alguém havia encontrado uma maneira de combinar com sucesso DNA humano e animal para criar vida tinha deixado o mundo médico com uma pulga atrás da orelha. E as Novas Espécies eram a prova viva daquilo.

Trisha esperava poder saber informações mais detalhadas sobre eles, agora que havia conseguido o trabalho, mas até então não haviam dito muita coisa a ela. Um arquivo lhe foi entregue para que desse uma olhada. Algumas das informações a chocaram, mas ela estava pronta para qualquer desafio que lhe fosse apresentado. Infelizmente, parecia que ela havia sido contratada apenas para brincar de enfermeira dos funcionários humanos, já que nenhuma das Novas Espécies entrava na clínica.

Ela se recostou na cadeira, apoiou os pés sobre a mesa e reviu os fatos de que tinha conhecimento. As Novas Espécies escolheram nomes estranhos para si mesmos, e geralmente era algo que tinha um significado para cada um. Eles haviam decidido se chamar de Novas Espécies porque muitos deles não haviam sido alterados com as mesmas cadeias de DNA animal. Ela soube que havia três tipos: espécies caninas, felinas e primatas. Havia também algumas observações documentadas a respeito das diferenças físicas descobertas. Seus pensamentos se fixaram instantaneamente na razão de sua irritação.

Slade não se lembra de mim. Ele praticamente me molestou, prometeu fazer coisas obscenas com meu corpo e simplesmente... se esqueceu do que fez? Ela soltou o ar pela boca, surpresa por não haver fumaça saindo de seus ouvidos, de tanta raiva que queimava intensamente por dentro. Acabara de se confrontar com ele e não vira nem mesmo um lampejo de reconhecimento naqueles olhos. *Como ele poderia esquecer? Eu certamente não posso e isso não é justo. Como pode um*

homem: excitar uma mulher, deixá-la pegando fogo e depois se esquecer dela assim que ela sai de seu campo de visão? Babaca!

Ele fora extremamente rude com ela, pra piorar. Uma das funcionárias humanas em Homeland e um macho canino das Novas Espécies estavam morando juntos. Trisha sabia que eles estavam fazendo sexo, apesar de negarem, e ela queria estudar a vida sexual do casal. Slade a havia encarado, dito coisas baixas e tido a coragem de chamá-la de intrometida!

Qualquer detalhe sobre a vida sexual do casal podia ser importante. Havia muitas coisas médicas sobre as Novas Espécies que ainda eram desconhecidas. Será que sequer eram sexualmente compatíveis com os humanos? Trisha não tinha certeza da porcentagem de homens envolvidos, mas, nos poucos relatórios que ela havia lido para se preparar para os novos pacientes, estava documentado que alguns dos machos inchavam na base do pênis logo antes da ejaculação. Isso era doloroso para uma mulher? Essa era uma pergunta que ela queria fazer à mulher que vivia com um Nova Espécie, mas Slade ordenara que ela ficasse longe do casal.

Ela queria explorar a possibilidade de os humanos e as Espécies terem filhos juntos. Soube que as Indústrias Mercile haviam feito as Novas Espécies fêmeas cruzarem com seus machos por anos, esperando criar mais deles. Nunca houve nenhum resultado positivo de gravidez. Era possível que nenhuma das Novas Espécies pudesse gerar filhos devido a algo simples, que poderia ser tratado por um médico. Ela poderia conseguir descobrir algo se alguém a deixasse ajudar, mas isso não iria acontecer se ninguém permitisse que ela fizesse testes com eles.

– Doutora Norbit?

A voz puxou Trisha de seus pensamentos e a fez olhar para Paul, que entrava na clínica para trocar de turno. Era o único enfermeiro e parecia legal. Tinha quarenta e poucos anos e havia mencionado um passado militar.

– Pagaria pra saber o que você está pensando.

Trisha forçou um sorriso.

– Eles não valem tanto assim. Estou com pena de mim mesma. Queria esse trabalho para aprender sobre as Novas Espécies, mas toda vez sou bloqueada.

– É, a ONE não é de falar muito. Estou aqui há mais tempo e ainda não sei muita coisa. Temos que cuidar deles, mas não nos dizem nada sobre sua fisiologia para nos ajudar a fazer isso.

– ONE?

– Organização das Novas Espécies. É como eles se chamam aqui. Estou surpreso que você não tenha visto os uniformes que alguns deles usam. Acho que não gostam dos nossos seguranças e criaram suas próprias equipes. Não os culpo. Você perdeu o ataque que houve aqui há pouco tempo.

– Ouvi algo a respeito no noticiário.

Paul fez uma careta.

– Foi feio. Aqueles manifestantes e cretinos dos direitos humanos derrubaram os portões da entrada e uns quinze caminhões cheios de idiotas com armas em punho entraram com tudo. Felizmente os edifícios são construídos para resistir a ataques, e a segurança conseguiu levar a maioria das pessoas a lugares seguros enquanto os portões eram violados. Aqueles cretinos entraram aqui como se alguém tivesse declarado que era temporada de caça às Novas Espécies. Já foi caçar cervos alguma vez?

– Não.

– Me lembrou disso. No final, dezessete pessoas haviam morrido. Até a ajuda chegar, foram os quarenta e poucos minutos mais longos da minha vida. É por isso que eles quiseram contratar um médico. Eu estava coberto de ferimentos naquele dia, principalmente na cabeça.

– Dezessete mortes? Eu não sabia que o número era tão alto. – A notícia horrorizou Trisha.

Ele deu de ombros.

– Alguns morreram depois, por causa dos ferimentos de bala. Os seguranças que haviam contratado eram péssimos. Os caras das Novas Espécies se juntaram para lutar quando eles apareceram aqui, para impedir que alguns daqueles imbecis tentassem forçar as portas das salas dos médicos. Eu estava sozinho, achando que eles iam entrar e me matar, já que não escolhiam muito em quem iam atirar. Se você estivesse respirando, aqueles idiotas praticavam tiro ao alvo em você. Os guardas das Novas Espécies usavam uniformes pretos do tipo da SWAT e na parte da frente dos coletes havia as letras ONE em branco.

Slade usava um uniforme parecido mais cedo, quando a segurara.

– Então os homens que usam esses uniformes são seguranças da ONE?

– Sim, e eles se chamam de guardas dos Novas Espécies. Não queira mexer com esses caras. Um deles me disse que era um protótipo experimental no centro onde ficava preso. O boato é de que alguns deles foram treinados para lutar e matar, só para mostrar o que poderiam fazer e como eram rápidos. Ouvi dizer que as Indústrias Mercile tinham um contrato com alguns países do terceiro mundo para vender suas drogas anabolizantes a quem fizesse o maior lance. As Novas Espécies negam, mas quem sabe qual é a verdade? De qualquer maneira, eles são durões. Não negam o fato de que eram torturados e espancados com frequência para saber a quanto dano sobreviveriam e como se recuperariam. Você já viu algum desses caras de perto? Céus! Eles são enormes, e acrescente a isso o fato de que são rápidos, têm audição, visão e olfato aguçados e simplesmente arrebentam. Estive no exército e com certeza absoluta não gostaria de enfrentar alguns deles, mesmo com toda a minha unidade me dando cobertura.

Trisha olhou para o relógio. Ela não queria ouvir mais nada sobre como as Novas Espécies eram más e perigosas. Eles já a intimidavam o bastante sem aquela especulação. Ela também tinha aprendido,

desde que conhecera Paul, que ele podia divagar por horas se tivesse a oportunidade.

– Meu turno acabou. Acho que vou para casa.

– O que você acha da habitação? Não é ótima? Me deram uma casa de dois quartos, estilo chalé. Minha esposa adora.

– É boa – Trisha concordou. Ela se levantou, pegando sua bolsa. – Vejo você amanhã. Ligue se precisar de mim. – Ela deu um tapinha no bolso. – Meu celular está ligado.

– Farei isso, doutora... ahn, Trisha.

Trisha saiu do centro médico e foi caminhando pela rua. Sua casa ficava a apenas uma quadra dali, na área dos funcionários humanos, onde dezenas de casas de estilo chalé haviam sido construídas. Ela havia ficado com uma azul e bonitinha. Olhou para a lua, concluindo que era uma bela noite.

– É meio tarde para você ficar andando sozinha – uma voz rouca e masculina disse asperamente atrás dela.

Trisha engasgou ao se virar, tentando não mostrar sua surpresa ao ver Slade. Ele vestia o uniforme preto e a atenção dela se fixou no lado direito do peito, onde se liam claramente as letras ONE num pequeno bordado. Seu olhar se levantou em direção aos mais incríveis olhos azuis. Eles eram de um tom escuro que ela não conseguia deixar de fitar.

Se ele era um guarda da ONE, devia ser bem durão, um sobrevivente de muito abuso, e possivelmente fora treinado para lutar para ser um dos protótipos que filmavam para mostrar as coisas horríveis que haviam feito ao seu corpo, se Paul estivesse certo. Isso significava que Slade podia ser superperigoso. Ela respirou fundo, tentando acalmar o coração, que batia forte.

– Eu não te vi nem ouvi – admitiu ela.

Ele mostrou os dentes afiados quando sorriu.

– É exatamente aonde quero chegar. Você não devia ficar andando sozinha. Pode ser perigoso.

– Aqui é um lugar altamente protegido, com guardas de segurança por todo o lugar. – Ela franziu a testa. – Acho que estou bem segura – *Exceto com você*, emendou silenciosamente. *Ele é atraente demais. Veja esses lindos olhos e essa boca. Me pergunto como seria beijá-lo...* Pare com isso, ela ordenou mentalmente a seus pensamentos. *Ele não se lembra.*

Ele encolheu os ombros largos.

– Ainda está interessada em aprender sobre o processo de procriação entre nossas duas espécies?

Aquela pergunta fez seu coração acelerar instantaneamente.

– Você falou com o senhor Fury e a senhorita Brower? Eles mudaram de ideia sobre deixar que eu os examine? – O entusiasmo que veio com a ideia de conversar com o casal que morava junto foi instantâneo e forte. Ela poderia aprender muito com eles. Estaria fazendo algo de verdade, em vez de ficar sentada à mesa esperando que pessoas com cortes de papel fossem vê-la. – Eu adoraria convencê-los a fazer alguns testes simples.

– Não. – Ele deu um passo em direção a ela. – Eles continuam sem interesse. Só queria saber se você ainda pretende estudar o processo de procriação entre as nossas espécies.

O entusiasmo dela se desfez.

– Tenho muito interesse. Há algum outro casal que eu não saiba? Gostaria de uma oportunidade de conversar com eles, se possível.

Ele deu mais um passo, parando a poucos metros de Trisha, fazendo-a perceber que ele era quase meio metro mais alto que ela. Ela imediatamente se sentiu intimidada pelo tamanho dele. A lembrança de quando ele a prendeu sob seu enorme corpo na cama de hospital passou como um raio. Ela engoliu em seco e tentou não permitir que a atração que sentia se revelasse em suas feições.

– Eu poderia ir para casa com você. – Ele piscou. – Você poderia me examinar o quanto quisesse, doutora. – A atenção dele se dirigiu

para os seios dela e depois de volta para os olhos. – Ficaria mais do que feliz em me voluntariar para te mostrar pessoalmente como poderíamos fazer sexo. Topo uma hora de sexo sem compromisso.

Trisha deu um passo para trás, atordoada. Ela sabia que não deveria estar, pois ele já havia falado com ela de forma pior. Ele não se lembrava, mas ela, sim. Ficava chateada por ele lhe oferecer tão pouco, algo tão trivial, enquanto ele se tornara uma ideia fixa para ela.

– Não, obrigada.

A pele ao lado dos olhos dele enrugou com a risada que deu enquanto dava de ombros novamente.

– Você que está perdendo. Sabe como me encontrar se mudar de ideia. Eu te levo até a porta.

– Não, obrigada.

– Eu te acompanho até em casa. – Ele continuava com aquela expressão de quem estava achando graça. – Então ande, doutora. Ou podemos ficar em pé aqui. De qualquer jeito, vou ficar com você até você chegar em casa.

Trisha se virou para longe dele e saiu caminhando rapidamente pela calçada. Podia senti-lo atrás dela, mas ele não fazia nenhum som. Para um homem grande, se movia bem silenciosamente. Ela virou a cabeça ao chegar ao jardim de entrada e ficou nervosa ao ver como ele estava próximo de invadir seu espaço pessoal.

– Chegou em segurança – sussurrou ele. – Tem certeza de que não quer que eu entre, doutora?

– Tenho – declarou Trisha, com firmeza.

Suas mãos tremiam quando ela disparou em direção à porta da frente. Será que ele tentaria forçar uma entrada em sua casa e pressioná-la com a oferta de transar com ela? Ela destrancou a porta para dizer a ele que fosse embora, mas ele havia desaparecido.

Trisha desceu da varanda, foi até a calçada e olhou em ambas as direções, mas não o viu. Ela franziu a testa. Como ele teria desapare-

cido tão rápido? Ele a irritava demais. Ela correu para dentro e trancou a porta firmemente.

Trisha jogou a bolsa sobre a mesa de entrada e se dirigiu ao quarto. Passou pelo quarto de hóspedes vazio e se lembrou de que precisava encomendar uma mesa e alguns porta-arquivos para criar um escritório em casa.

Ela olhou ao redor do quarto. Odiava a grande cama de dossel com postes de madeira que apontavam em direção ao teto. Ocupava espaço demais no quarto. A casa viera mobiliada, mas nada a agradava.

Ela tirou a roupa no caminho até o banheiro. *Será que Slade se lembra de mim? Ele pode estar fazendo algum tipo de jogo doentio para ver se digo alguma coisa.* Ela só não tinha certeza. Ele era bastante convincente se queria que ela acreditasse que eles nunca tinham se encontrado no passado. Ligou o chuveiro e esperou alguns minutos para a água esquentar.

Entrou embaixo do jato de água quente e deu um suspiro. Por que se sentia atraída por ele? Ela não podia negar que ele a encantava. Talvez fosse curiosidade. Não tinha certeza de seus motivos, mas, toda vez que ele a olhava, ela se lembrava da sensação de sua língua áspera e quente provocando seu pescoço, do jeito que ele se moveu contra ela com seu corpo pesado e quase a fez gozar apenas esfregando o pênis nela. E dos sons que ele fazia. Os grunhidos eram sensuais.

– Lavagem cerebral – suspirou ela.

Jogou a cabeça para trás, lavou o cabelo, depilou as pernas e, em seguida, saiu do chuveiro. Ela ouviu um som característico. Sua calça estava zumbindo no quarto, onde ela a tinha jogado ao se despir. Trisha se enrolou em uma toalha para sair do banheiro. Abaixou-se, lutou com a calça e arrancou dela o celular preto.

– Doutora Norbit.

– Trisha, é Paul. Temos um problema. Você pode voltar?

– Estou a caminho. – Ela desligou e correu até a cama. Largou o celular ali e se virou. Deu um passo em direção ao armário, antes de bater com tudo em um corpo largo e rígido.

Trisha engasgou. Duas mãos grandes agarraram seus ombros nus enquanto sua cabeça se erguia. Ela ficou boquiaberta com a expressão bem-humorada de Slade. Seu corpo estava pressionado contra o dele, ele a segurou firmemente pelos ombros e seus lábios se curvaram em um sorriso.

– Você não estava atendendo o telefone. Precisam de você no centro médico.

– Você está dentro da minha casa – disse ela, ofegante.

– Minha chave serve em todas as casas. Sou da segurança. Você deve atender o telefone se não quer que alguém venha verificar as coisas. Seu enfermeiro ficou ligando por uns cinco minutos, até que finalmente nos chamou.

– Eu estava tomando banho!

A atenção dele se dirigiu para baixo.

– Entendi. Você fica bem de rosa, doutora. Ficaria melhor ainda se essa toalha estivesse no chão, aos seus pés. – O corpo dele estremeceu um pouco contra o dela, enquanto desviava a atenção para os ombros. – É tentador lambe todas essas gotas de água.

O coração dela batia forte de surpresa e, provavelmente, de um pouco de excitação com a ideia de ele fazer isso. O olhar no rosto dele a fez engolir em seco. De repente, ele a soltou e se afastou.

– Estarei esperando por você na sala. Mexa-se, doutora. Alguém está machucado e precisamos de você no centro médico logo.

Trisha observou aquele Nova Espécie deixar seu quarto e fechar a porta atrás dele. Ela levou longos segundos para se recompor do choque de encontrar Slade em seu quarto e de ser tocada por ele. Ele entrou por conta própria em sua casa e quase a viu nua. Ela olhou

para a pequena toalha que mal cobria a parte de cima de seus seios e que ia até o meio das coxas. Forçou as pernas a se mexerem até o armário para pegar roupas rapidamente.

Ele a esperava na porta de entrada. Água pingava do cabelo de Trisha, mas ela não se importou. Não tinha tempo para secá-lo. Saiu e se virou enquanto o homem corpulento fechava a porta, observando-a.

– A fim de uma corridinha, doutora?

Trisha assentiu enquanto descia os degraus da varanda. Virou-se em direção ao centro médico, preparando-se para correr, mas, em vez disso, engasgou-se de repente quando Slade a pegou e a colocou nos braços. Ele ainda teve a audácia de mostrar seus dentes afiados ao lhe dar um grande sorriso e piscar.

– Segure-se em mim, doutora.

Ele começou a correr pela rua. Chocada, Trisha jogou os braços em volta do pescoço dele para se segurar. Não podia acreditar que ele a carregava, como se ela não pudesse chegar à clínica sozinha.

– Me ponha no chão.

– Estamos quase lá, doutora. Fique quieta e aproveite o passeio. – Ele nem mesmo ofegava quando chegaram ao prédio. Foi parando e cuidadosamente colocou-a em pé ao lado da porta. Piscou para ela novamente antes de ir embora. – Vejo você quando terminar – disse ele por cima do ombro.

Ao entrar, Trisha ainda cambaleava do choque que ele lhe causara. Havia uma área de espera que ficava separada do resto por um longo balcão. Ela viu Paul se inclinando sobre alguém que estava deitado em uma cama na área aberta. Trisha empurrou para longe os pensamentos sobre Slade e o que acabara de acontecer. Moveu-se rapidamente.

– O que há aqui?

Paul se virou.

– Uma grave laceração. Ele vai precisar de pontos, Trisha.

Trisha permaneceu ocupada pela meia hora seguinte. Um dos secretários do diretor de Homeland havia acidentalmente cortado a palma da mão com uma faca de cozinha enquanto fazia o jantar. Trisha limpou o ferimento, deu-lhe dez pontos e o enfaixou. Deu ao secretário remédios para a dor e uma vacina antitetânica. O centro médico tinha seu próprio gabinete de medicamentos, sempre abastecido, e ela apenas pegou o que precisava. Depois, observou-o sair.

Paul terminou de se limpar.

– Você trabalha bem, Trisha. Duvido que ele fique com uma cicatriz grande.

– Obrigada.

– Vá para casa, eu faço a papelada. Está dispensada.

– Desculpe por não atender o telefone. Estava tomando banho.

Paul sorriu.

– Entendo. Você precisa pentear o cabelo, os cachos estão bagunçados e encharcados.

– Boa noite – suspirou ela, saindo.

Sentiu um grande alívio por não ver Slade por perto. Caminhou por uns dez metros, até que sentiu sua presença. Parou, virou-se e o viu andando na calçada, indo diretamente até ela. Ele sorriu quando seus olhares se encontraram.

– Pronta para que eu te escolte?

– Sei o caminho, obrigada. Tenho trinta anos, já dominei a arte de chegar em casa.

– Hoje em dia todo cuidado é pouco, doutora. Nunca se sabe que tipo de animal está vagando por aí.

Ela lançou um olhar a ele. *Como você?* Não disse isso em voz alta, mas teve vontade. Ela continuou andando. Dessa vez ele ficou ao seu lado. Ela teve que andar rápido para acompanhar as longas pernas dele.

Chegaram ao jardim de entrada dela e Trisha virou-se para observar o homem que olhava para ela. Ela destrancou a porta da frente e abriu-a o suficiente para apenas seu corpo passar. Ela se virou, encarou Slade e adentrou a segurança de sua casa.

– Nunca mais entre na minha casa. O que você teria feito se eu ainda estivesse no chuveiro?

Ele sorriu.

– Teria entrado lá para avisar que precisavam de você no centro médico e te dado uma toalha menor do que a que você estava usando. Talvez uma toalha de mão. – Seus olhos percorreram o corpo dela lentamente e seu sorriso ficou mais largo. – Ou um pano de chão.

Ela ficou tensa.

– Você gosta de me alfinetar, né?

Ele apenas deu de ombros, ainda sorrindo.

– Há algum motivo em particular ou sou apenas especial?

O sorriso dele desapareceu.

– Talvez eu também esteja interessado em ver como as nossas espécies se reproduzem.

– Bem, encontre outra pessoa para assediar.

Ele deu de ombros.

– Por mim, tudo bem. Se você não está interessada, não está. Só estava procurando uma parceira sexual, mas não vou te incomodar mais. Você devia ter aceitado, doutora. – Seus olhos se estreitaram. – Eu só queria algumas horas para responder a todas as suas perguntas. Você é tão bonita, achei que valeria a pena. Boa noite, doutora. – Ele se virou e saiu da varanda. Estava quase na calçada quando ela abriu a boca.

– Apenas algumas horas, é? E, bonita? Na última vez você ficou me chamando de linda. – Trisha deixou a raiva fluir. – Na última vez você se ofereceu para fazer sexo comigo por dias, 215. Devo me sentir ofendida?

Ele se virou. Ela reconhecia choque quando via, e estava gravado naquelas belas feições. Isso respondia à sua pergunta. Ele realmente não se lembrava dela. Ela olhou para ele.

– Acho que gostava mais de você quando você estava se recuperando no meu hospital. Era mais atraente estando meio morto do que totalmente saudável. Isso é bem triste.

Ela bateu a porta no instante em que ele deu um passo em sua direção. Trancou as fechaduras, batendo a tramela.

– Doutora? Abra a porta – ele rosnou as palavras do outro lado.

– Boa noite, senhor Slade.

Ele virou a maçaneta da porta, mas as trancas seguraram. Ela ouviu o barulho de chaves balançando. Ele iria tentar destrancar sua porta? Ela mordeu o lábio.

– Vou chamar a segurança – ameaçou ela. – Lembra deles? Fizeram um bom trabalho ao te segurar, mesmo que você tenha dito da última vez que ninguém viria me salvar.

Ele proferiu um xingamento leve.

– Você é a médica do hospital, não é?

– Ah, então você se lembra de mim. – Ela se apoiou na porta.

– Seu cabelo está diferente.

Ela tocou nos cabelos úmidos. Tinha tentado ficar ruiva no ano anterior, quando trabalhava no hospital onde eles se encontraram. Agora estava de volta à sua cor normal, um loiro-mel.

– Este é meu cabelo de verdade. Decidi não pintá-lo mais de vermelho.

– Abra a porta e fale comigo – ordenou ele com um rosnado.

– Por quê? Para você me insultar mais? Para ser mais babaca?

Trisha ficou tensa quando apenas o silêncio respondeu à sua pergunta. Será que ele tentaria entrar em sua casa de outro jeito? Por que ele se importava em saber se ela era a mesma mulher que ele

aboardara um ano antes? Ela continuou atenta, mas não ouviu nada do outro lado da porta.

– Senhor Slade?

Ele não respondeu. Trisha finalmente desencostou da porta e saiu correndo pela casa para se certificar de que todas as janelas estavam trancadas. Ela relaxou, certa de que ele tinha ido embora e não pretendia incomodá-la mais. Entrou no quarto e apagou a luz. Dormiu de moletom, apenas caso ele voltasse e decidisse surpreendê-la com outra visita não anunciada.



Slade apoiou a testa na porta, fechou os olhos e ouviu a médica se afastar. O choque de saber que a mulher que ele acabara de insultar e irritar era a mesma que o assombrava todas as noites desde que ele fora libertado ainda pulsava.

A doutora Trisha Norbit mudou a cor do cabelo e o deixou crescer. Slade estava muito drogado quando acordou em um hospital humano, mas devia ter reconhecido o cheiro dela ou aqueles belos olhos azuis quando a viu de novo. A lembrança deles o fez querer bater em si mesmo por não ligar as coisas. Será que aquelas drogas o tinham afetado tanto assim?

Em sua defesa, ele nunca soube o nome da mulher que prendera sob ele na pequena cama de hospital, mas todo o resto sobre ela permanecia intacto. Seu corpo macio preso sob o dele, o gosto de sua pele na língua dele e o cheiro de sua excitação atormentando-o. Ele havia tido certeza de que ninguém iria salvá-la, que ela seria sua, e ele havia adorado a ideia de fazer que ela o quisesse o tanto quanto ele a queria. E então tudo se transformara num inferno. Os humanos haviam corrido para dentro do quarto, o drogado e a levado para longe.

Ele reprimiu um rosnado. Estragou tudo incrivelmente. Tarde da noite, antes de se entregar ao sono, ele sempre pensava nela, em sua ruiva sexy. Ele se afastou da madeira fria, abriu os olhos e olhou para a casa em que ela se escondia. Ele fantasiara muitas vezes sobre encontrá-la, colocá-la sob ele novamente e terminar o que havia começado. Havia planejado como usaria seu charme para ela, estudara táticas românticas dos humanos na esperança de conquistá-la, se por acaso esse dia chegasse.

A doutora Trisha Norbit o odiava. Ele também não podia culpá-la por isso. Na maior parte do tempo, ele fora um babaca com ela de propósito. Irritava-se por se sentir atraído por ela, apesar de ter uma mulher fantasia em sua cabeça. Era quase como se estivesse traindo a memória de sua ruiva fantasiosa toda vez que seu corpo respondia à doutora Norbit.

Sentia como se estivessem lhe pregando uma enorme peça, já que elas eram a mesma pessoa. Ele adentrou a escuridão. Acabara de perder todas as esperanças de tê-la em sua cama.

Parou e se virou para olhar mais uma vez para a casa. Sua raiva foi desaparecendo, até se tornar tristeza. *Fantacias são para os tolos. Aprenda a lição e fique bem longe dela.*